

Manel Benigno. Artemis Ávila Ribeiro. Maria das Dores Maciel.

1

“Eu estou com 62 anos de idade essa foi umas das maiores enchentes que já vi na minha vida. E com as maiores dificuldades também que deixou todo mundo sem nada... Nada! Hoje você procura uma banana, você procura um abacate, você procura uma mandioca, não tem mais nada na beira do rio que já acabou tudo! Não ficou mais nada!” (Manel Benigno)¹

¹ Manel Benigno - 62 anos de idade, pequeno comerciante. Artemis Ávila Ribeiro – 73 anos de idade, professor aposentado, e Maria das Dores Maciel – 57 anos pequena comerciante junto com seu marido Manel Benigno e dona de casa. Comunidade: Nazaré - Entrevista coletiva gravada no dia 20 de junho de 2014.

por Márcia Nunes Maciel (Mura)²

Nas margens do Rio Madeira, historicamente, várias populações se formaram, indígenas e não indígenas. Comunidades formadas por ex-seringueiros, pescadores tradicionais e agricultores de várzea e cidades que surgiram de antigas missões religiosas. Atualmente as intervenções feitas nesse rio se dão por meio da implantação do Complexo Hidrelétrico do Madeira o qual é parte de uma carteira de grandes projetos de obras estruturantes na América do Sul, chamado de *Iniciativa para a Integração da Infra-Estrutura Regional (IIRSA)*³. Esse projeto é apresentado às comunidades e aos habitantes das cidades da Amazônia como vetor de desenvolvimento, no entanto, por meio da experiência vivenciada, antes, durante e depois das construções das hidrelétricas, o que tem chegado até as comunidades e cidades amazônicas é a morte, percebida na devastação da natureza, no deslocamento forçado da população que habita às margens do rio Madeira, no desbarrancamento acelerado, na perda da produção agrícola, animal, da pesca, regiões assoladas pela maior inundação, nunca experimentada com tanta devastação. No ano de 20014 do Início do mês de Fevereiro até final do mês de Maio as comunidades às margens do rio Madeira no Estado de Rondônia foram afetadas pelas enchentes provocadas pelas hidrelétricas. Embora as empresas não admitam sua responsabilidade diante das catástrofes, os habitantes das comunidades baseados em suas experiências distinguem as cheias que acontecia antes das construções das hidrelétricas no Rio Madeira e das que passaram a acontecer depois dessas intervenções feitas no rio, ressaltando a destruição de seus espaços após as cheias posteriores aos empreendimentos hidroelétricos. Ano passado no mês de Julho após a descida das águas em conversa com alguns moradores da comunidade de Nazaré foi possível registrar suas percepções sobre

² Márcia Nunes Maciel faz parte do Povo Indígena Mura. Possui graduação em História pela Universidade Federal de Rondônia (2001). É mestre em sociedade e Cultura na Amazônia, pela Universidade Federal do Amazonas. Atualmente é doutoranda em História Social pela Universidade de São Paulo - USP, é pesquisadora do Núcleo de Estudos em História Oral/ NEHO - Núcleo de Estudos em História Oral.

³ Cartilha de Mobilização Social – Barragens no Madeira e a Cidade de Porto Velho (2007).

as cheias a partir do que vivenciaram.⁴



3

Ilustração 1 – Momento da entrevista coletiva. Artemis Ávila sentado na cadeira branca, Manel Benigno em pé ao meio, Maria das Dores e Márcia Nunes sentada no banco. Foto: Lucas Nunes Maciel (Mura), acervo trabalho de campo em Nazaré – Pesquisa de doutorado de Márcia Nunes Maciel.

⁴ A comunidade de Nazaré fica a seis horas de viagem de barco, saindo de Porto Velho/Rondônia e descendo o rio Madeira em direção ao Rio Amazonas. Entre os anos 2012 e 2013, deu-se o aceleramento do desbarrancamento de diversas comunidades às margens do Rio Madeira, sendo que São Carlos e Calama foram as que mais sentiram a perda de área da comunidade. O fenômeno da erosão é natural e as pessoas dessas comunidades sempre souberam lidar com ele, mas antes das hidrelétricas elas tinham o domínio da temporalidade desses desmoronamentos, tinham tempo de afastar suas casas e fazer a colheita de suas plantações antes de tudo desbarrancar. Já em 2013 por meio das vivências em Nazaré, percebemos que as pessoas estavam sem suas referências temporais, pois o tempo da subida e da descida da água do rio estava descontrolado.



Ilustração II – comunidade de Nazaré antes da cheia e antes das hidrelétricas. Foto: Márcia Maciel (Mura), acervo trabalho de campo em Nazaré – Pesquisa de doutorado de Márcia Nunes Maciel.

Manel: A experiência nossa! Foi muito difícil, porque ninguém não esperava uma enchente tão grande... Eu to com 62 anos de idade essa foi umas das maiores enchentes que já vi na minha vida. E com as maiores dificuldades também que deixou todo mundo sem nada... Nada! Hoje você procura uma banana, você procura um abacate, você procura uma mandioca, não tem mais nada na beira do rio que já acabou tudo! Não ficou mais nada! Hoje a vida ficou tão difícil! Ficou tão difícil pra nós que mora nas margens do rio que até os peixes... Uns tão contaminados, outros tão proibidos e outros não querem que peguem... Enfim, tá muito difícil a coisa pra quem vive na beira do rio, difícil, difícil, mesmo! Por outro lado, tem um pessoal, outras pessoas, que estavam se divertindo a custa do coitado do povo que tava alagado, sofrendo... A maioria do povo de Porto Velho, pessoas que nunca tiveram alagados na vida e tava ali porque tava tal... Porque tava alagado e tava ali querendo fazer um cadastro pra ganhar uma casa... Ganhar isso, ganhar aquilo. Enquanto o pobrezinho que tava aqui coitado nem água pra beber quase tinha... Porque hoje mermo agora, nós estamos sem água! Sem água pra beber, porque prometeram que iam trazer água, iam manter a gente aqui até... Dezembro

com a água pelo menos... Nós não temos poço artesiano aqui, Boa Vitória tem, mas tá contaminado. Ai ficou muito difícil a coisa pro nosso lado, muito difícil. Nós que somos aposentados, graças a Deus, nunca faltou nada, mas pra quem não é aposentado? Vai passar de que? Vai viver de que? Que não tem de onde tirar nada. Então ficou muito complicado as coisas pro nosso lado, muito difícil, as casas ficaram todas estouradas, hoje nós vive só de lembrança... Hoje nós temos umas promessas, que até hoje não foi cumprida em nada! Disque nós vamos ter uns conjuntos de casas ai pra dentro da minha casa minha vida e tal... Mas até agora o governo já veio ai, a gente não sabe o que ele falou, porque até agora não decidiram nada. Uns falam que querem ir pra Boa vitória... Uns falam que querem ir aqui pra dentro... Afinal de contas eu não sei, eu não fui lá ver o que ele falou. A verdade! É que a dificuldade é pra quem foi alagado, porque você ver... Nós aqui nas margens do rio nós fomos alagados, porque perdemos tudo o que tinha... Mas o povo também coitadinho que vive na cidade da cachoeira de Santo Antônio, onde era a cachoeira porque hoje é a hidrelétrica de Santo Antônio, pra cima também foi afetado pela enchente e hoje vive pedindo que pelo amor de Deus que o governo dê uma casa e tal, tão naquele negócio de minha casa minha vida... Uns ganham a casa outros não ganham... E fica naquela tribulação desgraçada. E nós aqui até hoje estamos esperando a decisão do governo se ele vai dar essas casas, eu não sei de qual forma eles vão fazer... Pra que nós ganhe uma casa dessas... Até hoje eu não sei... Não sei de nada mermo. Pois é, a nossa situação tá muito complicada mermo!



Ilustração II – Comunidade após as cheias causadas pelas hidrelétricas. Essa foto é de um espaço que antes das enchentes era um campo de futebol, onde ocorriam campeonatos entre as comunidades próximas e outras atividades culturais, dentre elas, a festa da melancia que não aconteceu em 2014, porque no tempo da plantação a comunidade estava imersa nas águas e no tempo da colheita não tinha nada para colher. **Foto: Márcia Nunes Maciel (Mura), acervo trabalho de campo em Nazaré – Pesquisa de doutorado de Márcia Nunes Maciel (Mura).**

Márcia: E Quando foi que começou a enchente?

Manel: Rapaz... A enchente começou... Dia 12 de Fevereiro alagou tudo. Foi. Foi dia 12 de Fevereiro começou a alagar mermo tudo que... É já tava alagado... A enchente... Ela pegou nós de surpresa.

Maria das Dores: Dia 23 de fevereiro em diante nós não tivemos mais luz, nós viemos ter luz hoje! Dia 20 de Junho.

Manel: Hoje! Sofrendo todo tempo rapaz com água quente... Não tinha luz butava o geradorzinho gerava uma água pra cá outra pra cu lá... O cara ia lá... O cara dava um litro de água... E o peixe a gente pegava, mas foro estragando tudo os peixe... E foi muito ruim essa enchente! Das piores enchentes que eu já passei da minha vida! E de passadio também, de alimentação. Porque além de ter sido uma enchente muito grande, ela não teve fartura.

Maria das Dores: A fartura foi pouca...

Manel: A fartura foi muito pouca... Peixe morrendo... Virando de peito pra cima tanto nos rios quanto nos garapés, nos gapós... Morrendo tudo... Ninguém num sabe de que...

Né? Aquela água parece que perdeu o oxigênio... Ficou contaminada... Ficou pode... Enfim, e nós muitas vez somos sujeito a tomar daquela água pra não morrer de sede! Porque se nós pula pra água do rio tá contaminada... Não é pra nós triscar na água do rio! Se nós pula pro igapó, pro garapé... Tá do jeito que tá... Ta pode a água... Só Deus tem misericórdia de nós. Só Deus mermo, porque de outra forma... Ta feia a coisa... Hoje tá aqui você ta vendo... Oh... Ta só um cacaião ai tudo... Por onde você passa você não ver nada... Só ver aquelas casas lá... Lá aparecendo os caguretinho lá... O aterroção cubriu... Né? Quer dizer... Tudo que você tinha foi de águas a baixo... Muitas pessoas perderam televisão, perderam geladeira, perderam sofá, perderam tudo! Caixa d'água... Mesa, perderam tudo! Não tem mais nada nas casas hoje... A maioria das pessoas... Quem se descuidou... E muitos não coitadinhos... Porque pensou assim: “Não a enchente ta enchendo eu vou carregar minhas coisinhas e tal” Procurou uma terra firme colocou, não perdeu... Mas muitos... Fizeram como sempre fizeram nas outras enchentes e dava certo: “Não eu vou deixar mais aqui em cima” Quando ele chegou... Bobiou... Chegou lá tava tudo alagado... Tava tudo dentro d'água... Eu tenho um sobrinho ali que ele perdeu cama... Perdeu tudo... O Heitor...

Maria das Dores: O Heitor, o marido da Júlia que é filha da Maria do João Lobato.

Manel: E ai o pessoal fica fazendo o que? “Ah porque nós vamos fazer o cadastro pra dar mil conto pra que as pessoas comprem material pra arrumar o que estragou em casa”... Material de eletricidade pra ligar as tomadas, ligar ai os fios, ligar disjuntor e etc... O outro pessoal vem e diz: “Ah vamos fazer outro cadastro pra ganhar 500 reais pra manter as necessidades pra ajudar pra que você compre seu alimento e tal e tal”. Depois que esse dinheiro começar a sair as cestas básicas vão sumir... Não vão aparecer mais... Porque a pessoa tem aquele dinheiro, mas até agora não saiu nada. Até agora não saiu nada! A gente não ouviu: – Ah o fulano foi lá em Porto Velho no banco Bradesco... Lá na Caixa Econômica... Lá no banco do Brasil e tirou o dinheiro... Não... Agora mesmo vem um cara da EMATER fazendo os cadastros, mas vem butando uma dificuldade horrive!... Você tem que ter carteira de motorista, você tem que ter passaporte... Tem que ter atestado de óbito... É uma série de documentação, já colocando aquela dificuldade pra que o pobrezinho não consiga tirar... Porque onde você viu a gente ter um passaporte?... A onde?... Não tem como... Tem aquele, como é meu Deus? De que é casado... Um documento de união estável e tal... Se você não é casado? Se não tem família, não tem nada... Como é que vai fazer pra tirar? Então ficou

muito difícil. Olha chegou outra pessoa aqui... Que ele pode dar uma explicação até melhor do que eu... O seu Artemo, ele é gente boa... Ele você já conhece a muito tempo... – Cumpadre entre ai, por favor...

Márcia: Boa tarde! Como vai o senhor?

Artemis: Beleza!

Manel: Ele pode dar uma explicação até melhor do que eu, porque ele presta uma atenção nas coisas sabe?...

Márcia: A gente ta conversando aqui sobre a situação da enchente como é que foi? Como que vocês passaram por aqui...

Artemis: Rapaz, foi preocupante né? (barulho forte de rabeta passando) É ta com 45 anos que eu vivo aqui em Nazaré e nunca tinha acontecido isso... E a gente ficou um pouco assustado pelo fato que aconteceu, o povo sofreu e ta sofrendo ainda, né, porque hoje, por exemplo, foi uma tarde de glória, porque chegou a energia pra gente que tanto a gente esperava... O pessoal fazendo despesa, às vezes, sem poder, mas fazendo... Despesa ai... Cada um comprando um motorzinho pra gerar energia, pra manter comércio essas coisas... Foi um desastre... Foi muito preocupante mesmo, porque a gente até esperava uma enchente, mas não da forma que aconteceu, né? Tão rápido, tão veloz assim... Dia 25 de Fevereiro todo mundo tava desabrigado... E a gente teve que se apegar só na fé... Ainda até hoje a gente ta passando pelas consequências... O pessoal de cima perderam tudo, planta... Plantação... Essas coisas... Perdeu tudo... Até que desanima a pessoa de plantar uma nova jornada e em risco de perder tudo de novo... Sem condições até de trabalhar, né, porque trabalhar pra perder? Eu acho que não é futuro. Você trabalhar pra perder não é futuro. Então foi muito preocupante... Muito... Muito!... Segundo dizem que é um fenômeno da Natureza, mas eu acho que não, teve alguém que teve culpa nisso ai... E com certeza foi nossa ex-presidência... Eu estava em Porto Velho quando ele subiu ali na ferrovia madeira Mamoré e disse que essa usina tinha que sair nem que fosse de carvão, mas tinha que sair. Então, pra nós não adianta nada, não tem um dedo de energia, não tem um Quilo watt pra dentro de Rondônia... Tudo pra vender pra fora, né? Hoje ele ta lá no palácio dele passando bem... E nós aqui prejudicados, né, são coisas que deixou a gente a pensar muito, muito, muito mesmo! Eu nunca tinha passado por uma situação dessa, não só eu, mas os colegas todos que estão aqui em Nazaré. Também ninguém correu, ninguém abandonou Nazaré, né. Todo mundo ficou, tava ai esperando ai por Deus e os homens que estão ai no poder ver a

nossa situação, né? Vamos esperar... Ver o que vai acontecer...

Márcia: Foi de Fevereiro até quando a enchente?

Artemis: Olha, até maio durou a enchente. Dia 25 de Fevereiro já tava todo mundo alagado, né?

Maria das Dores: Tava! O último que saiu da sua casa sua casa foi em 23 de Fevereiro... Ficou só eu e o Pantoja ali... Ficou só dona Helena ali... Dia 20, dia 12, 13 de Fevereiro alagou aqui compadre! O senhor já tinha ido pra terra firme. Dia 11 quando eu cheguei aqui o senhor não tava mais ali na sua casa.

Artemis: Pois é, dia 25 lá a usina fechou. Eu já tava lá.

Maria das Dores: Já tava lá.

Artemis: Já tava lá. A usina que é na terra firme alagou.

Maria das Dores: Dia 11 eu cheguei, dia 13 fechou a usina daqui. Desde o dia 13 que a gente tá sem energia. Veio chegar hoje dia 20 né? Hoje é dia 20?

Artemis: Dia 20. 04 meses sem telefone...

Maria das Dores: Sem comunicação de nada.

Artemis: Quatro meses sem comunicação, sem água tratada. Sobre a água até que eles consideram no período que tava tudo alagado, mas hoje... Agora passou pra trinta... Trinta dias... Tem gente que nem tem mais e ta pegando por ai não sei por onde.

Márcia: Como é que ta a distribuição de água?

Artemis: Rapaz, logo que iniciou era bom porque era de 15 em 15 dias, mas agora passou pra 30, né? Passou pra 30 dias, então ficou ruim.

Márcia: Mas é só pra beber a água?

Artemis: É só pra beber.

Márcia: E qual a quantidade de água?

Artemis: Segundo agora, parece a onde tem duas pessoas, três, é uma base de seis pacotes? De oito pacote, né? O que? Que é? Oito pacotes de garrafa de água? Né? O corpo humano tem por obrigação consumir dois litros de água por dia. Eles parecem que nunca leram ciência não? Parece que não estudaram. Não tem nem noção, né? O corpo Humano precisa de dois litros de água diariamente. Isso consumir, né, ai tem banho, tem isso, aquilo, aquilo outro. E a comida? Tem que fazer com a água mermo do rio? Eu não sei como é que faz que a água disque ta contaminada, né? Porque até hoje ainda ta morrendo peixe, porque hoje eu tava lá no barranco olhando, num demora lá boiou um piauzão, assim, morrendo.

Maria das Dores: Cumpadre do céu! Se você vê pra li, sem mentira nenhuma, a gente vê os urubus sentados olhando nos paus... É aqueles reco-reco tudo buchudinho! Deste tamanho, assim, tu não tem conta pra tu contar, remando ali.

Artemis: Eles bebem água até espocar a barriga, acho que perdeu o oxigênio, né?

Maria das Dores: Ai tá com a barrigona preta, aqueles peixinho, desde tamanho, aquele reco-reco, tudo dessa gruçura tavam, inchados.

Artemis: É complicado...

Márcia: O senhor mora aqui desde quando?

Artemis: Rapaz eu cheguei aqui dia 24 de dezembro de 69, vai fazer 45 anos. Conheço bem a história de Nazaré. A Graça chegou primeiro aqui eu acho...

Maria das Dores: Não. Não! Ixe, quando nós chegemos vocês já tavam...

Artemis: Já?

Maria das Dores: Já.

Artemis: O compadre Manel nasceu por aqui?

Maria das Dores: O Manel nasceu lá no Pombal e se criou aqui.

Artemis: Pois é...

Márcia: Mas o senhor veio de onde?

Artemis: Do Amazonas, município de Manicoré.

Márcia: Como foi pro senhor vim pra cá?

Artemis: É que lá eu tinha uma pequena cultura, mas lá era muito difícil ai eu pensei que se eu ficasse lá não ia ser muito bom pra mim ai eu comecei... Vim pra Humaitá de Humaitá sai por aqui por trás... Vim até aqui... Conheci o velho Eduardo que era o patrão... O Nanan... Aí fiz um contrato com ele ai, baixamos pro Amazonas e subimos com onze pessoas pra cá pra trabalhar em sova... Em 69... Trabalhei em 69, 70, 72 aí comecei a fazer um recreio aqui pra Porto Velho... Ai em 77 comecei a trabalhar com ensino, ai me aposentei em novembro de 2006.

Márcia: Essas onze pessoas que vieram pra Nazaré junto com o senhor era tudo do mesmo lugar de onde o senhor morava? Todos que vieram para Nazaré eram lá de Marmelos?

Artemis: Os que vieram juntos? É nós somos só de uma localidade de Marmelos...

Márcia: Mas além do seu Nanan vocês já conheciam as pessoas que moravam aqui?

Artemis: Não, quando a gente vinha assim... A gente trabalhava no centro, assim, ai a

gente vinha sempre ai pra fora. Quando a gente ouvia dizer: “Vai ter um festejo... Uma festa né?” Ai a gente vinha do centro, ia por dentro do mato e saia... Terminava a festa a gente ia embora por centro... A gente também ia direto pro Humaitá, nós andava por ai por dentro do mato. É assim, a vida é preocupante... Hoje graças a Deus já constitui família... Três filhos que moram lá em Candeias do Jamarí... Dois tá aqui comigo... A caçula e outro... Mas eu gosto de tá aqui. Eu gosto tanto de Nazaré... Eu sofri um pouco, mas eu gosto desse lugar... Porque realmente eu vim lá do Amazonas... O que eu tenho hoje eu devo a essa Nazaré, a essa comunidade, por isso, que eu não suporto sair daqui. Eu acho que se for obrigado a me mudar daqui eu vou ter que sair de noite pra ninguém vê. Eu não tenho coragem de ir até a casa dos meus amigos e dizer: “Olha rapaz até logo que eu vou embora... Não tenho coragem não, porque eu devo muito a essa comunidade. Eu trabalhei 33 anos aqui sem uma transferência pra canto nenhum... Comecei aqui, me aposentei aqui... Funcionário pra passar 33 anos dentro de uma localidade tem que fazer alguma coisa, pra comunidade, né. Desenrolei, lutei muito com o Povo. Eu já trabalhei muito pro povo ai, né, junto com o Povo... Hoje tem essa vilazinha ai, fui eu que comecei esse trabalho... Aí chegou as pessoas mais novas com mais força, com mais vontade de trabalhar tomou conta... Não deixa cair a peteca não que a gente vai, né. E vou levando a vida dessa forma.

Márcia: Então seu Artemis o senhor autoriza usar essa entrevista pra divulgar a situação daqui...?

Artemis: A onde a senhora quiser.

Márcia: E pra pesquisa essas, coisas assim?

Artemis: Pode usar a vontade, não tem nenhum problema, tá.

Márcia: Tá certo então, obrigada!

Artemis: Eu quero que essa história de Nazaré ande mesmo, porque tem muita gente que não tem coragem de vim buscar a realidade pra colocar ai, né. Eu admiro você ter essa coragem de vim aqui e levar essa informação. Pra mim seria ótimo jogar no jornal, televisão, onde você quiser.

Artemis: É como diz o provérbio... O provérbio fala o seguinte... Quando a pessoa tem o rabo preso com alguém ele se omite de falar as coisas... Eu não, nunca fui cúmplice nisso... Eu falo de cabeça erguida, de boca aberta, porque não devo nada a ninguém... A não ser a essa comunidade e a Deus. Dessa comunidade eu não gosto que ninguém fale dela, porque se falar perto de mim nós briga... Agora o povo lá... Os políticos que se

danem, que eu não tenho nada, nem, nem, nada, nada! A dever a eles. Trabalhei 33 anos, eles pagavam o meu trabalho. Pra receber tinha que trabalhar, né? Então... Quando você paga ou recebe aquilo não é benefício... Aquilo que você paga não é benefício... Então eles me pagavam com dinheiro, mas eu pagava com meu trabalho. É por isso, que eu não tenho o que esconder de alguém... Até eu falo mesmo, assim, pode falar que foi o Artemis que falou que não tem problema não... Se eles vierem... Eles não vêm que eles sabem que eles tem compromisso e não assume, né... Eles só vêm aqui e promete... Eu até falei esses dias pro diretor do posto de saúde - Colega tu faz promessa pra que não seja preciso eu ir a Porto Velho a benefício de saúde no sol quente e embaixo de chuva, porque eu não vou em hospital não, eu sei onde é que eu vou. Quando chegar em Porto Velho eu não vou pro hospital não. Pode ter dez ambulâncias pra me levar, eu não vou... Não vou pro hospital não, quero ir pra tal canto vocês me levam? Não. Se não for, vocês vão embora que eu vou de pés mesmo, mas eu não vou pro hospital, vou procurar os direitos que a gente tem. Brincadeira... Pra levar um paciente aqui tem que emprestar vuadeira... Porque não pode falar? "Oh, se tu falar mais ai eu tiro a tua portaria, né?" Ai o cara se encolhe, né, por isso, que eu voto por obrigação, mas não eu queira... Porque você tem que votar... É um documento você tem que ta com ele em dias, mas é complicado. Agora, essa semana... Terça feira, falei aqui pros caras que tão aqui no Aluizio, né, os cara são do município de Porto Velho... -Rapaz fala pro prefeito Mauro Nazife vim da um pulinho ai com a gente rapaz... O que tem ele subir aqui o barranco?... Fala pra ele que já saiu da água, não tem mais água não. Ta enxuto...

Artemis: Nós estamos limpando as calçadas ai com enxada... Hoje mesmo nós acabamos de limpar aquela dali de frente da igreja, o compadre chegou e disse: "Vamos limpar?" - Vamos! Serve pra todo mundo, vamos fazer o trabalho, né, Ai limpamos, lavamos tudinho, tá bonitinho lá a calçada. - Pois é, e vamos assim, nós estamos alipando a calçada pro prefeito pisar em cima, pra ele vim aqui, rapaz, pra dar um abraço na gente. O cabra levou 264 votos daqui e esqueceu da gente... Não, mas eu falei pros cara lá – Ninguém sai de Nazaré... Se vocês quiserem fazer alguma coisa por nós vocês fazem... Mas se vocês não quiserem fazer também não tem nenhum problema... Nós vamos ficar aqui. Ninguém não vai pra cidade... O que nós vamos fazer na cidade?

Maria das Dores: O que nós vamos fazer com um salário mínimo de nada? De aposentado... O que a gente vai fazer lá? Pra comer o que?

Artemis: Com seiscentos reais...

Maria Dores: Se for pra comer lá nos come aqui o pouquinho que a gente tem, porque lá é 400 reais que a gente paga de energia. ... Nós vamos pra onde?

Márcia: Conte de novo como a senhora tava contando que a senhora ficou fora daqui...

Maria das Dores: Pois é, eu fiquei fora daqui dois meses. Quando cheguei aqui minha casa já tava tudo alagado. Minhas plantas... O pessoal já tinha ido tudo embora e o meu comércinho ai entrando no fundo e meu marido e meu filho doido atrás de alguém pra ajudar... Ninguém podia ajudar ninguém!... Porque todo mundo tava ocupado. Se alguém fosse ajudar o outro esquecia das suas coisas. E foi um sofrimento muito grande que eu sofri. Que eu passava a semana todinha caíndo n'água e conduzindo as coisas pra lá e voltava pra cá e quando chegava aqui já tava no fundo. Perdi um beliche de dois cômodos... Uma cama de casal... Um jogo de cadeira... Duas televisões... Quando cheguei aqui num tinha mais... Duas cômodas também não tinha mais como butar pra dentro de casa... Tava no fundo.

Márcia: E a senhora ficou lá na cidade dois meses?

Maria das Dores: Fiquei dois meses lá na cidade quando cheguei aqui tava tudo alagado.

Márcia: Tava fazendo o que lá na cidade...?

Maria das Dores: Tratamento... Exame... Eu estava sentindo umas dores... Tava pensando que era uma dor e era outra... Graças a Deus que era uma pequena infecção... Era gases... E com essa doença eu já tava era pra morrer mermo. Eu preocupada e doente... Eu nem podia fazer nada. Uma dor insuportável... Deus me livre!

Márcia: Mas ai quando a senhora chegou a água já tava...?

Maria das Dores: Já tava tomando de conta. Já tinha muitos moradores fora de suas casas... Já tava só aqui... Eu, o Pantoja e essa mulher aqui que tem dois andar e a Jane do Aluízio. O seu Edi já tinha ido, o cumpadre Artemis... Domingo! É o gongo... O diretor do Posto. Os outros e outros já tinham ido embora.

Márcia: Já tavam pra onde?

Maria das Dores: Pra terra firme.

Artemis: Tinha o colégio que abrigou as pessoas lá... Tinha lá um salãozinho... Até quem tinha uma vendinha parou tudo lá pra abrigar o pessoal... O Timaia também andou abrigoando...

Graça: Tem a pousada do finado tio Maciel. Tinha o ginásio onde ficou lá o resto do pessoal.

Márcia: E o senhor ficou a onde seu Artemis?

Artemis: Dentro da casa do meu irmão, João. Que mora em frente à Usina. Mas La tinha quatro família e tinha um banheiro só. Cansei de tomar banho dez horas da noite. E se trocava por lá...

Maria das Dores: E meu cunhado e minha irmã coitados que ficaram no colégio e só tinha um banheiro... Pra quatro famílias e as meninas eram pequenas. Aí ela escapava indo lá no nosso banheiro... No banheiro da casa da minha filha. A sogra dela também... Foi uma situação muito difícil mermo essa alagação que eu nunca pensei que fosse ser do jeito que foi...

Artemis: Nessas casas da defesa civil que era difícil... Mas ai o homem dá o jeito dele, né, pra trocar uma roupa, uma coisa... Mas a mulher como é que faz? Era isso que me preocupava. Como o pessoal como o Sales que tava ali na frente da igreja sem banheiro sem nada. O Aluizio com a família dele... O pessoal que tava naquelas casas sem banheiro sem nada... Até que uma pessoa tivesse consciência... – Vai ai no banheiro.

Maria das Dores: É. A comadre Socorro, o cumpadre Sales, sempre corria lá... A menina, filha deles, corria lá no banheiro da casa da Silvia pra tomar um banho. Porque a gente que já é acostumada... Mas a gente não tem costume de tomar banho com roupa... Porque não toma banho direito? Não toma banho direito. Então é isso que a gente ficou muito coisa... Ah, eu... Ave Maria... Eu sei que fiquei aperriada...

Artemis: ... Eu falei ontem pro rapaz da prefeitura ai... Sinceramente eu não tenho condições de passar por outra dessa.

Manel: Ei sei que é tanto do cadastro que o pessoal tão fazendo que no fim não vão receber nenhum...

Artemis: Não esse da EMATER eu sei que sai.

Manel: E o INCRA? E como é que o INCRA tá?

Artemis: Não, o INCRA tem que entrar de qualquer jeito tem que entrar.

Manel: Mas o INCRA não vai auxiliar os assentados?

Artemis: Não ele veio aqui, porque ele já veio procurando... Porque você sabe que o projeto do INCRA é o projeto tem que ter orçamento ele quer orçamento. Então quem tem a data do INCRA eles querem as casa de material... Não é de madeira. Se a casa é de material... Tem que ter orçamento... Esse orçamento vai pra onde? Vai pra uma loja

lá... Ai tem como ganhar não só o dinheiro pra casa... Tem como ganhar mais um pouquinho, né? Então, por isso, que ele quer entrar de qualquer forma. Eles não precisavam nem de fazer levantamento... Eles sabem que deram, o que? Aqui 80 casas, né, então, porque eles não vêm reparar isso, eles deviam dar pronto, acabou... Não, mas o dinheiro é muito que vem pra Rondônia... Muito dinheiro... Tem muito dinheiro... Tem...

Maria das Dores: E nós estamos aqui passando sem nada, né?

Artemis: E eles têm demanda ai... Porque se eles colocarem luz em São Carlos, colocar em Nazaré, colocar onde tem usina... Acaba a calamidade pública. Se acabar a calamidade pública acabou a verba, não tem mais... Cortam a verba... E eles não querem isso... Eles querem que o dinheiro venha... Por isso, que... Tem todo esse atraso, é isso. É essa que é a verdade... Que o Estado ta em calamidade pública, né, e se tirar a calamidade pública também a verba é cortada. E eles não querem isso... Foi quatro bi! E duzentos milhões que entrou em Rondônia... né?

Manel: E até agora não foi decidido nada!

Artemis: O governo falou pra mim: “Eu não posso trazer meus comissados, porque eu estou em campanha eleitoral... Seu eu fizer as casas lá o povo vai dizer que eu estou comprando meu voto com cargo, com isso com aquilo”... Então, a defesa civil é inteira responsável por isso. Aí a calamidade pública tá na mão dela, ai vai enrolar. São Carlos tão passando de costa... Ninguém nem olha pra São Carlos...

Manel: São Carlos ta no escuro ainda, né?

Artemis: São Carlos não vai ter jeito não.

Manel: Vai não, né?

Artemis: São Carlos não tem nada... Não tem água... Não tem luz... Não tem... A escola deles acabou...

Maria das Dores: Não tem comunicação pra nada.

Artemis: Material levaram tudo... Posto de saúde fechou... O capim tomou de conta... Acabou... Levaram tudo... Tudo... Tudo! Não volta mais não.

Manel: O pessoal ta insistido lá, né?

Artemis: É não voltam mais não.

Maria das Dores: Os vidros das casas... Da escola... Da igreja... Quebraram tudo com a enchente.

Manel: É problema da defesa civil, né?! Tem jeito não se a defesa civil condenar já e

era!

Artemis: Já era.

Manel: Doa quem doer... Perca quem tiver que perder... Não tem boca.

Artemis: E tem 200 famílias lá...

Maria das Dores: E é só duzentas que tem...

Manel: Era quatrocentos e pouco, né...?

Maria das Dores: Quinhentas e...

Manel: Trezentas e pouca ta em Porto Velho... Outras tão pra boca do Jamarí

Artemis: Tem 80 e poucas aqui no Cavalcante...

Manel: É mais essas daí são do Curicaca... Terra Caída...

Artemis: Mas tem alguns de São Carlos lá.

Artemis: Tem 36 lá no rio Candeias lá do Jamarí... O resto ta ai pelas balsas...

Manel: É. Tem um bucado nas balsas também...

Artemis: Tem lá em Porto Velho... Só lá em Porto Velho é quatro mil desabrigados...

Manel: Só lá, né? Naquele bairro Nacional...

Artemis: Quem quer ir pra onde alaga?

Maria das Dores: Ninguém que ir não... A mesma coisa que aconteceu com o Gim coitado, ele comprou uma casa no valor de dez mil reais... O terreno lá em São Carlos... Fez um empréstimo de nove mil reais pra investir na casa, né... Dez. Onze, doze, treze, quatorze... quinze, dezesseis, dezessete, dezenove mil. Ele vai vender pra quem esses 19 mil? Quem é que quer pelo dez... Não vai dar nem o valor...

Artemis: Eu vi o cara colocar 45 mil na mão do Raimundo Pires pela pousada e ele: “Não é 60”

Maria das Dores: Pois é, ele não pegou: “É 60”...

Artemis: Hoje ele faz pro cara dar cinco mil... Ninguém dar...

Maria das Dores: Ninguém quer... E o que a gente vai fazer?... Pra que?

Artemis: A menina aqui... A Catarina, né... O cara botou 15 mil na mão dela... Esse dinheiro não era pra tá na mão dela? “Não... Não... Noventa mil”... Agora ficou sem.

Artemis: Se tivesse vendido pra ele né? Ficava com dinheiro no banco guardado...

Maria das Dores: Ai ficou perdida. As casas que estão aqui na vila não prestam... Ninguém quer comprar... Eu não quero comprar... Eu falei... Pro Manel... Nem de graça se me dessem uma casa aqui na vila toda equipada eu queria... Só se fosse dali da onde a água voltou pra cima!... Ai eu queria, né... Se eu tivesse condições ai eu ia fazer... Pra

mim ficar aqui... Mas lá em cima até que eu vá fazer lá pra cima? Rum...

Artemis: Eu vi o projeto que os cara falaram lá é o seguinte.... Depois que eu falei pra ele o Valdemar... Como ele disse... A terra do seu João Lobato é 50 equitares... Mas chegou um documento atrás que na realidade é 170.... Quando esse documento chegou pra ele ai no colégio... Já tinha feito a reunião... Quando ele pegou o documento ele... Mudou a história... Só que ele falou pra mim... Quando ele falou... “oh, quer dizer que vocês não querem”... -Não... Não querem não... Você tá ai com o documento na mão... O papel... De duzentos e trinta pessoas... 17 optaram pra Boa Vitória... 17... Fizeram mais uma reunião no Tira Fogo com 71 pessoas... 06 pessoas optaram por Boa Vitória... O resto foi Nazaré... Vocês querem mais o que? Querem ouvir quem? O documento ta ai cada um assinou... Assinatura ai diferente uma da outra... Não foi só um que fez não, né? Vê a assinatura do pessoal ai com identidade com número de identidade... Com tudo... Vocês querem o que? Vocês tão vendo 70 aqui, oh... É pra Boa Vitória todo mundo... Quer dizer é Nazaré... Vamos esquecer... Lá estão ouvindo 70 pessoas, e lá três, quatro pessoas que vão lá. Uma comitiva que tinha ai não sei quem é?

Márcia: Qual é o órgão que ta vendo isso aqui? Qual o setor?

Artemis: É o governo...

Márcia: Num é... Tipo um departamento do ESTADO?

Artemis: É o governo mesmo.

Artemis: Quem veio ai foi o chefe de gabinete... O Valdemar...

Márcia: Hum, entendi...

Artemis: Olha é uma briga mesmo... Então lá Já está decidido que tem mil metros de madeira... Para cada morador... Agora não sei se é quadrado ou metriado...

Artemis: Ai tem mais de 50 mil dólar ai pra fazer... Mas primeiro tem que ver essas terras... Num é... Quando tiver as terras liberadas... Sim... A gente... Cada um vai fazer o seu barraco, né... Do jeito que quiser...

Márcia: Vamos então concluir aqui a nossa conversa... Mas vocês saíram logo? Ou demoraram pra sair?

Maria das Dores: Não. Dia 14 de Fevereiro eu fui mimbora pra terra firme pra casa da minha filha...

Márcia: Aqui mesmo?

Maria das Dores: Aqui mesmo... Na frente do colégio “Manuel Maciel Nunes”.

Márcia: Mas quando a senhora saiu daqui já tinha água aqui?

Maria das Dores: Já tava tudo alagado aqui...

Márcia: Ai vocês fizeram o que com as coisas?

Maria das Dores: Subimos tudo pra cima aqui, oh, nessa primeira pernamanca... Ta lá os buraco tudinho na parede que a gente furou com a maquita que ainda tinha luz... Terminamos de furar... A luz pufo... Pronto... Volta amanhã... E até hoje, foi em fevereiro e veio chegar hoje em Maio... Ai quando foi no outro dia que nós chegamos aqui... Já tava alagando tudo isso aqui... Foi a onde ficou a televisão... Ficou o resto das coisas, né... Ai... Fomos pendurar pelas paredes ali... Pelas pernancas... Tá ai, oh... Por... Hoje ainda tem, oh... Bicicleta... Ainda tem as coisas penduradas... E ali, oh... Foi o que ficou de resto... O que ficava em baixo não prestou mais nada... Butemos em cima dessa mesa e alagou... Mas foi rápido! A gente subia pra lá de noite... De dia era o dia todinho... Quando era de dia... De noite tava tudo escuro ninguém vinha aqui em casa caí n'água pra tirar as coisas de dentro d'água... Nós já varava pelas janelas, porque as portas já não fechavam mais... Não trancavam... Não destrancavam mais... Que sofrimento!...

Márcia: Como é que faziam pra tirar as coisas daqui e dali do comerciozinho?

Maria das Dores: Era assim de montão... Butava muito na canoa e levava pra lá ate que desembarcasse pra colocar no local lá ai era noite já, só dava uma viagem... Ninguém podia... Daqui ninguém podia dizer, assim, eu vou daqui nas Carreras chegar lá tem gente pra carregar... Não tinha! E todo Mundo tava trabalhando, todo mundo tava precisando do que era seu... Dinheiro pra pagar tinha... Mas não tinha condição de achar ninguém pra trabalhar pra gente porque todo mundo tava ocupado...

Márcia: Também faz tempo, né, que a senhora mora aqui?

Maria das Dores: Faz 38 anos...

Márcia: A senhora nasceu aqui?

Maria das Dores: Não. Eu sou Amazonense...

Márcia: Nasceu em qual lugar?

Maria das Dores: No Lago das Onças do Uruapiara.

Márcia: Ah, a senhora é do Uruapiara também. A senhora veio pra cá a senhora tinha quantos anos?

Graça: Eu tinha sete anos.

Márcia: E de lá pra cá a senhora sempre morou aqui?

Maria das Dores: Sempre morei aqui na beira desse rio. Cruzei dali do outro lado...

Construí minha família... Minha infância foi lá do outro lado na Boa Hora... Depois que eu me ajuntei com esse homem... Com o pai dos meus filhos... Foi que vim pra cá pra Nazaré.

Márcia: E ai esse tempo todo que a senhora viveu aqui a senhora já tinha passado por isso?

Maria das Dores: Não! Nunca! Nunca! A primeira foi essa. E me deixou muito triste!

Artemis: Teve uma enchente é... Em 97...

Maria das Dores: Em 97, mas não foi assim não.

Artemis: Mas não mexeu com ninguém não.

Maria das Dores: Mexeu com pouquinhos pessoas! Ele sempre foi testemunha disso... Porque quando num era lá no barracão era na casa dele que a gente ficava, porque a casa dele nunca foi pro fundo! Sempre a gente... O Vígico... A Dores... Sempre ficou lá na casa do cumpadre Artemis ou no barracão.

Artemis: O cumpadre Américo também ficava lá na casa do cumpadre Artemis.

Maria das Dores: Mas agora essa aqui que não teve ninguém que auxiliasse ninguém...

Artemis: Só quem tinha casa de dois pisos que ficou, né... Aqui deixa eu ver quem ficou aqui, o Xico Romão ,né... E o Galizeu?

Maria das Dores: Foi... Mas o Galizeu ainda arrumou as coisas para ir embora, porque a casa tava tique...tique... Em baixo...

Artemis: O Assis não aguentou não, foi embora... A casa era de dois pisos mas ele não aguentou ficar...

Maria das Dores: Não. Não aguentou não... Porque já tava molhando... Mas foi muita tristeza... A gente ver as coisas da gente que a gente trata com tanta dificuldade se perdendo...

Márcia: Então, a senhora formou sua família aqui, né? Quantos filhos a senhora têm?

Maria das Dores: Oito. Tive nove e criei oito. O mais velho mora aqui comigo.

Márcia: A senhora vai autoriza usar sua entrevista também, né? Pra pesquisa, pra divulgar...?

Maria das Dores: Com certeza!

Márcia: Então tá obrigada pela participação. Outra vez que eu vim eu trago aqui pra vocês o material.

Maria das Dores: Tá bom...

Márcia: Obrigada!



